

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Bruna de Sales Paula Terron

**OS DESAFIOS NO ENSINO DE ARTE COM CRIANÇAS:
Experiências em um ateliê infantil de Porto Alegre**

Porto Alegre

2013/2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Bruna de Sales Paula Terron

OS DESAFIOS NO ENSINO DE ARTE COM CRIANÇAS:

Experiências em um ateliê infantil de Porto Alegre

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Profa. Dra. Susana Rangel Vieira da Cunha

Porto Alegre

2013/2

Agradeço à minha mãe Lizandra, por ser essa mãe dedicada, por ter ficado sempre comigo mesmo nos momentos mais difíceis, por me mostrar que há várias formas de amar e além disso, ter me apresentado com pessoas mais importantes da minha vida.

E é a elas que também agradeço:

Ao Frank, que sempre foi mais do que um bom padrasto, foi um pai. Apesar de não ter me deixado chama-lo de pai, fez todo o resto!

À Beatriz, que com seu sorriso encantador veio ao mundo para deixar a vida com mais graça e alegria e me fez descobrir essa profissão que tanto amo.

Ao Eduardo, que chegou em um momento que pensava não caber mais ninguém no meu coração, mas é claro que cabia! Hoje não imagino minha vida sem o meu pequeno.

Também agradeço ao meu pai Emilio, por ter acendido uma faísca em mim quando me levava em passeios culturais, me criticava quando assistia muita TV e por estar sempre curioso pelas minhas aprendizagens.

Agradeço ao Artur que é um exemplo de pessoa, que insistiu em mim neste último ano e que me faz pensar e me expressar melhor, duvidar do óbvio e fazer a coisa certa.

Agradeço à Susana, por ser mais do que uma orientadora, por ser inspiradora.

Agradeço à Faculdade de Educação, por ter me proporcionando tantas aprendizagens e espero fazer jus a elas durante minha vida profissional.

E finalizo com um agradecimento especial às professoras do Azul Anil Espaço de Arte e cada uma das crianças que participou desta pesquisa.

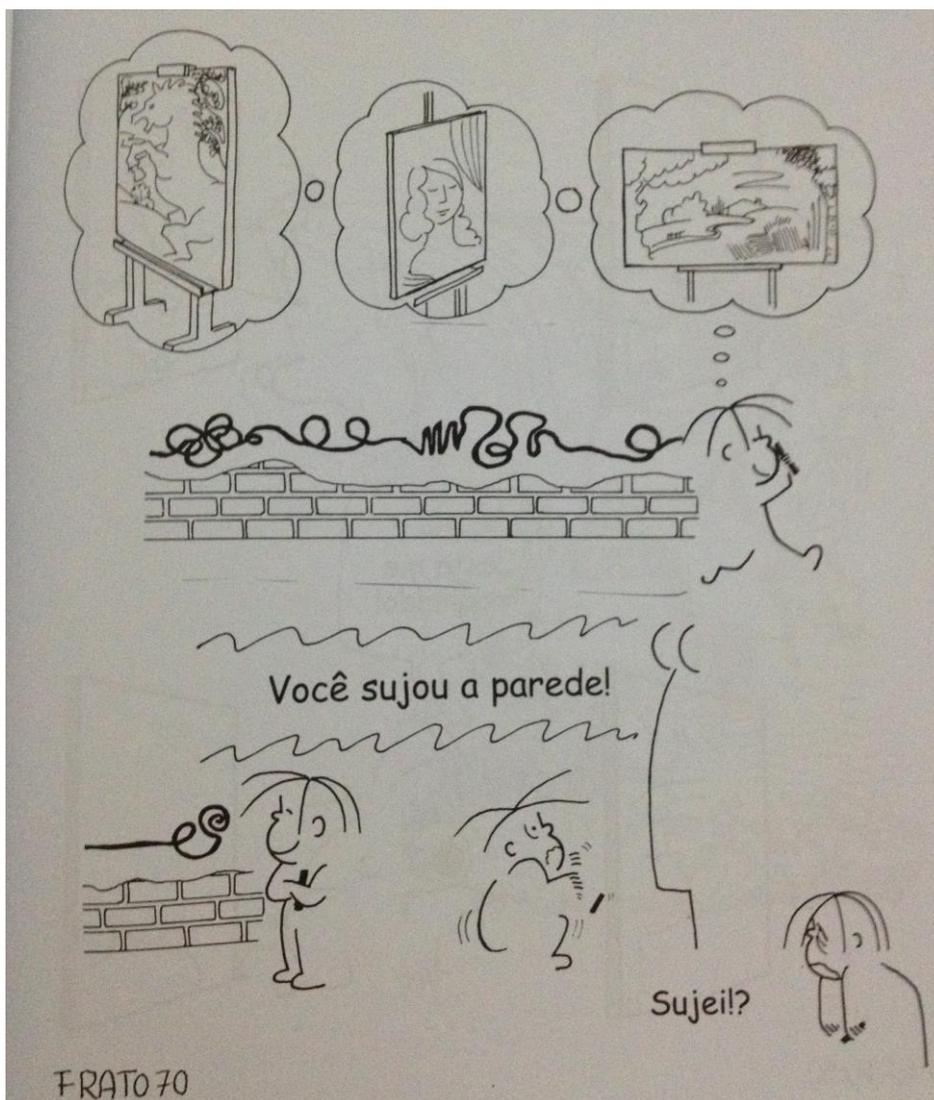


Figura 1 Tonucci, Com olhos de criança, 1997.

Sem desafios à altura de suas necessidades e potencialidades, a criança definha, murcha; pode-se tornar agressiva e violenta ou apática e submissa; dispersa-se. É preciso que estejamos atentos a elas: suas falas, gestos, escolhas, atitudes, produções as mais diversas, para podermos identificar desejos, necessidades e desafios que elas estão demandando e acompanhar e avaliar seus processos de enfrentamento e resolução dos mesmos.

RESUMO

Este trabalho tem como foco as propostas pedagógicas de Artes Visuais desenvolvidas em um espaço não-formal de educação, o Azul Anil Espaço de Arte, em Porto Alegre. Os objetivos foram: entender os pressupostos que orientam a prática pedagógica das professoras e analisar como as crianças reagem às propostas. A escolha por este espaço deve-se ao fato de que o trabalho desenvolvido se diferencia ao ensino de artes que vigora na maioria das escolas, muitas vezes calcado em modelos empiristas ou inatistas. As propostas desta escola são: desafiar o imaginário infantil, ampliar repertórios culturais, conhecer outras formas de expressão artística, explorar diversos materiais e ressignificá-los. Com intenção de incentivar a linguagem expressiva das crianças, leva em consideração os imprevistos e as singularidades de criação. Para entender como se dão as aprendizagens, foi realizada uma pesquisa qualitativa, na forma de observação participante em oito encontros semanais. Os instrumentos da pesquisa foram: diário de campo e entrevistas semi-estruturadas com crianças de idade entre 6 e 10 anos. Os estudos para compreender o ensino de arte se baseiam em Lavelberg (2003), Ferraz e Fusari (1999) e Cunha (2012). As primeiras análises apontam que as propostas pedagógicas buscam ampliar as possibilidades de expressão das crianças utilizando diferentes formas de desafios e modos de envolvê-las. As crianças realizaram produções de forma singular e adequaram as propostas aos seus interesses.

Palavras – chave: ensino de arte, linguagem expressiva, imaginário infantil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tonucci, Com olhos de criança, 1997.....	4
Figura 2 – Camile e seu auto-retrato.....	23
Figura 3 – Maria e seu colar de miçangas.....	29
Figura 4 – Marina e sua flor.....	30
Figura 5 – A família de Pedro.....	30
Figura 6 – Cena do teatro de sombras “O ataque”	31
Figura 7 – Criando o inusitado.....	35

SUMÁRIO

1 UM DESAFIO QUE COMEÇA.....	8
2 ANTES DE FICAR TUDO AZUL.....	12
3 CRIANÇAS, PROCESSOS CRIAÇÃO E TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE ARTE.....	17
3.1 UM PANORAMA DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL: O QUE SE CONSERVA?	19
3.2 O DESAFIO NO ENSINO DE ARTE NO AZUL ANIL.....	21
4 A PESQUISA EM CAMPO NO ATELIÊ.....	25
5 AS PROPOSTAS QUE DESAFIAM O IMAGINÁRIO INFANTIL.....	27
5. 1 AS CONTRAPROPOSTAS E REAÇÕES DAS CRIANÇAS.....	28
6 AQUI PODE ESCOLHER O QUE PODE FAZER, IMAGINAÇÃO.....	32
6.1 OS MÚLTIPLOS ALFABETISMOS.....	34
7 ÚLTIMAS PINCELADAS.....	36
8 REFERÊNCIAS.....	38
9 APÊNDICES.....	41
9.1 APÊNDICE 1 – Termo de consentimento das professoras	41
9.2 APÊNDICE 2 – Termo de consentimento dos pais.....	43
9.3 APÊNDICE 3 – Termo de consentimento para as crianças.....	45

1 UM DESAFIO QUE COMEÇA

Este trabalho é fruto das minhas experiências, enquanto aluna, professora e observadora. Meu interesse pelo ensino de artes iniciou a partir das minhas memórias como aluna do Ensino Fundamental, entre os anos de 1999 a 2006. Quando penso nas minhas aulas de arte neste período surgem incômodos. Anos depois, em 2011, quando comecei a trabalhar em escolas como auxiliar de professora na Educação Infantil em Porto Alegre, percebi que as propostas relacionadas à este ensino pouco desafiavam o imaginário das crianças, pois estavam ligadas a somente uma livre-expressão da criança a partir dos materiais (quase sempre os mesmos) disponibilizados ou a atividades que eram distribuídas para desenvolver alguma habilidade. As críticas levaram-me a pensar e buscar outras possibilidades dentro do ensino de artes que poderiam ser mais interessantes às crianças.

Neste estudo, reflito sobre como tem sido desenvolvido o ensino de arte nos contextos educativos, buscando entender as concepções de arte e crianças. Acredito no ensino de arte não como apêndice, mas sim como uma necessidade para explorar o máximo da potencialidade da criança nas linguagens expressivas, para que ela exercite trazer sua singularidade ao mundo, pois é uma área do conhecimento em que não há certo ou errado. O desejável às crianças é que elas criem com autonomia e criatividade e o papel do professor seria de ampliar suas possibilidades de expressão e seus repertórios visuais.

Dessa forma, questiono a utilização do ensino da arte tendo como objetivo a idealização do produto final que o adulto impõe como certo ou bonito. Ao levar em conta somente a aquisição da coordenação motora e um modelo a ser incorporado pela criança, ignora-se a importância do imaginário infantil, da capacidade que a criança tem de transformar o real em novos mundos e não se valoriza o processo da criação (o que a criança aprende durante a sua produção).

Também questiono o excesso da livre expressão nas práticas pedagógicas. É importante que as crianças experimentem e criem, porém também há uma necessidade de o professor propiciar aos alunos desafios em suas propostas para que a criança experimente novas formas de expressão, indo além daquilo que já sabe fazer com os materiais.

Com a intenção de conhecer e entender outras abordagens do ensino de arte com crianças busquei uma escola de arte para crianças que tem como um de seus propósitos desafiar o imaginário das crianças. Durante o estágio curricular em 2013/1, fomos visitar o ateliê Azul Anil Espaço de Arte e percebi que naquele espaço se valorizava a linguagem expressiva através dos objetos de uso cotidiano (como embalagens, fotografias, tecidos, recortes de revista...) indo além da prática somente com materiais consagrados (pincel, tinta, lápis de cor). Não havia modelos a ser seguido e as produções eram expostas e mostravam a diversidade das propostas. Na fala das professoras foi possível entender a preocupações das professoras em ampliar o repertório visual das crianças, rompendo com os estereótipos que a mídia veicula através de animações, brinquedos para as crianças e de possibilitar a elas o contato com as diversas formas de expressão (visual, oral, teatral, escrita). Seus relatos também indicavam o uso de alguma situação disparadora (leitura de um livro, discussão sobre as obras de algum artista) que leva conhecimento às crianças e ajuda a despertar a curiosidade pela proposta.

Posteriormente à visita ao ateliê, comecei a acompanhar o blog do Azul Anil, onde as professoras fazem relatos dos trabalhos desenvolvidos e apresentam as intenções pedagógicas de suas propostas. Por estas propostas serem diferenciadas às que tive experiência escolhi este espaço para desenvolver a minha pesquisa.

Para tanto, realizei um estudo de caso em uma turma do curso regular do Azul Anil para conhecer o trabalho pedagógico das professoras e analisar como as crianças realizavam as propostas e produções.

Na segunda seção deste trabalho, intitulada *Antes de tudo ficar azul*, apresento detalhadamente, como ponto de partida, minhas experiências no ensino de arte enquanto aluna e estagiária em escolas de Porto Alegre e mostro as contribuições no curso de Pedagogia para repensar na minha própria prática pedagógica em arte. Fundamento minhas percepções, questionamentos e críticas em autoras que analisam o ensino de arte, entre elas Lavelberg (2003) que nos chama a atenção sobre que todos podem aprender essa linguagem expressiva sem necessitar de um “dom” (algo inato), Martins; Picosque; Guerra (1999) que apresentam a importância da arte como objeto de conhecimento às crianças e

Cunha (2012) que nos ajuda a pensar que a intervenção pedagógica é fundamental para desafiar o imaginário infantil e para o conhecimento visual da criança.

Na terceira seção, *Crianças, processos de criação e tendências pedagógicas no ensino de arte*, abordo concepções de infância/criança para pensar a prática pedagógica. Trago Sarmiento (2003) para discutir sobre as possibilidades ou limitações das práticas pedagógicas, que muitas vezes, não investem no desafio ao imaginário infantil por considerar como algo pouco importante ou como um déficit da criança. Aproveito as contribuições dos estudos pós-modernos de Dorneles e Bujes (2012) que questionam a concepção de infância única. Elas rompem com a idéia de que há uma mesma necessidade para todas as crianças, pois considera as crianças singulares. Nessa perspectiva, aponto a necessidade e importância de levar em conta os desejos e capacidades das crianças. Utilizo também a abordagem de Reggio Emilia (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2008) que considera as crianças como ativas e protagonistas do seu aprendizado para pensar a prática no contexto do ateliê Azul Anil. Apoiada nos estudos das autoras Lavelberg (2003) e Ferraz e Fusari (1999), continuo a seção trazendo exemplos das minhas experiências em sala-de-aula e procuro entender os vestígios de modelos antigos no ensino da arte que as professoras ainda carregam em suas ações docentes.

A pesquisa em campo no ateliê é a quarta seção do trabalho, onde apresento o lugar onde foi realizada a pesquisa, os sujeitos que participaram dela e também a maneira como a desenvolvi. Na quinta seção, *As propostas que desafiam o imaginário infantil*, trago as características das propostas pedagógicas do Azul Anil. Aponto algumas propostas observadas durante os encontros que exemplificam as intenções das professoras e também discorro sobre a maneira como as crianças reagem ao que é solicitado.

Sigo com reflexões sobre as práticas das professoras no ateliê em *Aqui pode escolher o que pode fazer, imaginação...*. Inicio apresentando algumas falas das conversas informais com as crianças sobre a percepção delas sobre como a arte é abordada na escola que frequentam e sobre o que fazem no Azul Anil. O foco da seção é de explicitar de que maneira as professoras mobilizam as crianças através de materiais e discussões disparadoras para desafiar o processo criativo.

Após os relatos e reflexões, finalizo este estudo com *Últimas pinceladas*, onde aponto as considerações do trabalho, a partir daquilo que tomei como fundamental para ser realizado um trabalho significativo com relação ao ensino de arte com crianças. Nelas, trago alguns elementos presentes nas aulas que observei do ateliê Azul Anil, tanto da ação pedagógica, quanto da reação nas crianças. Elementos estes que considero importantes para contemplar nas aulas de artes, pois envolvem o desafio, a valorização do imaginário infantil e a capacidade autoral das crianças.

2 ANTES DE FICAR TUDO AZUL

Durante minha experiência como aluna no Ensino Fundamental, lembro apenas de realizar atividades em artes em que deveria atender às exigências dos professores. Com base em uma pedagogia tradicional de ensino de arte, na qual utilizava modelos para serem copiados, não havia exploração de materiais diferenciados, não havia espaço para criação e incentivo da criatividade. Os suportes eram sempre os mesmos, as tintas também e quando trabalhávamos com modelagem, sempre era feita com argila e não havia tempo para exploração, conhecimento do material. Nas aulas de arte alguns artistas eram selecionados para estudarmos e assim utilizávamos suas obras para produzirmos releituras, porém propostas eram meras cópias do que nos foi apresentado, uma das finalidades principal destas produções era serem expostas aos pais. O produto final era o que interessava e muitas vezes me sentia como em uma competição. Tínhamos que, necessariamente, ter aquele número de produções prontas no final do semestre. A nossa criação e nosso processo expressivo eram desconsiderados, apenas deveríamos seguir os padrões estéticos que o professor valorizava.

Sobre esta abordagem de ensino de arte, Lavelberg (2003) afirma que é uma realidade constante nas escolas regulares: considerar o ensino de artes apenas releituras de artistas; ter como foco o resultado final e atribuir a um dom (supõe-se inato) da criança a produção artística, sem pensar na possibilidade de que todos podem aprender essa linguagem. A situação piorou quando cheguei ao Ensino Médio, pois as aulas de artes visuais foram automaticamente suspensas.

Ao longo do curso de Pedagogia, fui auxiliar de professora (estágios não-curriculares), em escolas particulares de Educação Infantil em Porto Alegre. Vivenciei dois opostos que me incomodavam, mas que me mobilizou a pensar de que maneira as propostas pedagógicas em artes visuais poderiam ser mais interessantes para as crianças. Em uma das escolas, as propostas da professora relacionadas às artes visuais eram, em sua maioria, espontaneístas, sem nenhuma intervenção pedagógica. Somente o que a criança trazia consigo era necessário, parecia-me que a importância do professor era somente para manter o ambiente limpo, porém não havia intervenção pedagógica pensada para aquele momento. Cunha (2012) aponta que na abordagem espontaneísta o papel do professor é

favorecer um ambiente com materiais, mas sem realizar intervenções, em geral elogia as produções e faz escassas reflexões sobre as produções de seus alunos. Sem intervenção dos professores, as crianças acabavam explorando da mesma forma os materiais, fazendo suas garatujas com lápis de cor ou giz de cera. Cunha (2013) nos mostra que através desse modelo de ensino as “crianças acabam reféns de si próprias, [...] onde os desenhos, independente das singularidades de cada criança, são muito semelhantes.”.

Em outra experiência também na Educação Infantil, observei que o mais valorizado era o produto final para apresentar aos pais e um dos objetivos principais das propostas era o desenvolvimento de motricidade fina das crianças visando à alfabetização. Para que este objetivo fosse alcançado, a professora oferecia desenhos prontos e estereotipados, para que eles colorissem dentro da linha, e ainda insistia para que as crianças usassem o lápis bem forte e em uma só direção. Durante minha passagem por essa escola percebi que a concepção de criança nesse ambiente era de um ser incompleto e que o papel da escola era de prepará-la para a vida adulta, então havia uma preocupação excessiva com a alfabetização e com o disciplinamento. As crianças que realizavam a atividade de forma correta (seguindo as ordens da professora) eram consideradas as melhores. Portanto, mesmo tendo atividades envolvendo a linguagem plástica, a professora pouco propiciava aprendizagens significativas para a criança sobre essa linguagem, porque:

(...) o conhecimento visual não vai se dar de uma forma espontaneísta ou na forma de adestramento manual, mas, sim, com intervenções pedagógicas que desvelem e ampliem os saberes individuais e coletivos, relacionando-os aos elementos da cultura da qual emergem com aqueles historicamente acumulados. (CUNHA, p.27, 2012).

Dessa forma, podemos pensar de forma crítica sobre essas duas abordagens que ainda são utilizadas nas salas-de-aula de Educação Infantil e nos Anos Iniciais, pois há um passado do ensino de artes que deixou suas marcas e muitas vezes, as professoras desconhecem outras formas de propor ações pedagógicas em artes visuais nas escolas.

Meu contato com essas abordagens de ensino de arte me fez perceber que as atividades que tinham como foco as artes acabavam tornando-se maçantes e repetitivas, logo não eram momentos que objetivavam aprendizagens da linguagem

visual e plástica às crianças, pois não desafiavam seus imaginários, bem como não possibilitavam momentos onde as crianças pudessem se expressar, criar, explorar materiais.

No 5º semestre do curso de Pedagogia, a professora Analice Dutra Pillar, em sua disciplina de Artes Visuais, ajudou-me a pensar nessas minhas experiências com o ensino de artes e meu olhar começou a ficar atento às outras possibilidades de trabalho. Em suas propostas, ela nos mostrou o quanto nós, com o passar dos anos, vamos deixando de experimentar o desenho. Minha turma percebeu o quanto os nossos desenhos são estereotipados e muito semelhantes uns dos outros ao compararmos as produções entre as colegas. Isso se deve muito ao fato de que a escola acaba priorizando uma determinada linguagem, a verbal, em detrimento de outras formas de expressão. Por isso, conforme o tempo passa menos exercitamos outras linguagens e esquecemo-nos de que:

A comunicação entre as pessoas e as leituras de mundo não se dão apenas por meio da palavra. Muito do que sabemos sobre o pensamento e sentimento das mais diversas pessoas, povos, países, épocas são conhecimentos que obtivemos única e exclusivamente por meio de suas músicas, teatro, poesia, pintura, dança, cinema, etc. Como entender tais linguagens? (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p.14)

Nesta obra, as autoras questionam a valorização da linguagem verbal na escola e o quanto as linguagens da arte são pouco desenvolvidas, sendo que muitas vezes o uso da arte nas escolas está ligado ao lazer ou para preparar enfeites e presentes nas datas comemorativas. Elas afirmam que assim como a criança precisa ser apresentada ao mundo das letras, ela também deveria ser familiarizada com as linguagens artísticas, pois estas linguagens também produzem conhecimento (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998). De forma similar, durante minha experiência como aluna e docente em escolas de Educação Infantil percebia que as crianças apenas executavam os trabalhos da maneira como eram solicitados. Eram poucas as mudanças na maneira de utilizar os materiais disponíveis. As crianças, quando recebiam as folhas (normalmente brancas e retangulares), acabavam utilizando-as sempre da mesma maneira, na horizontal. As atividades eram sempre feitas no mesmo ambiente: nas mesas, sentados. Não havia o desafio de desenhar em pé (na vertical) ou deitados, ou em superfícies diversificadas.

Quando comecei em 2013/1 o semestre do Estágio Acadêmico Obrigatório tive a oportunidade de ser orientada pela professora Susana Rangel Vieira da Cunha, com quem sigo neste trabalho de conclusão de curso. Suas aulas, orientações e textos me oportunizaram conhecer mais sobre o ensino de arte na Educação Infantil e me inspiraram a repensar criticamente sobre concepções, ações pedagógicas e o que poderia ser importante e significativo, no que se refere às artes, para as crianças.

Conheci o Azul Anil Espaço de Arte em uma das aulas de Seminário de Docência do sétimo semestre, nosso estágio curricular obrigatório. As professoras da disciplina nos levaram até o ateliê para visitarmos esse espaço educativo e conhecer novas possibilidades de ensino de artes. A partir deste dia, comecei a repensar em minhas experiências durante o curso e despertou em mim o desejo de possibilitar às crianças da minha turma de estágio formas significativas de trabalhar com essa linguagem.

Depois de experiências das quais não acredito que sejam positivas para as crianças, me aproximo deste ateliê/escola de arte onde elas são instigadas a se expressarem utilizando diversos materiais expressivos e entram em contato com diferentes produções artísticas e modos de expressão (desenho, pintura, literatura, fotografia, teatro, etc). Além disso, as ações pedagógicas e as ações das crianças são mais relevantes do que o produto final.

3 CRIANÇAS, PROCESSOS CRIAÇÃO E TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE ARTE

Ao concebermos uma criança ativa em seu processo de aprendizado, não somente como receptores passivos das normas estipuladas pelos adultos, temos de repensar as propostas pedagógicas que elaboramos a ela. Apoio-me na abordagem de Reggio Emilia, na Itália, que desde os tempos de pós-guerra estabelece uma educação que considera a criança como um ser singular e ativo e, portanto, permite que ela produza sem subestimá-las, a avalia como parâmetro em si mesma e acredita que o ambiente também educa. Lá as crianças são incentivadas a explorar o cotidiano profundamente através de diversas linguagens e não são forçadas a seguir uma sequência de atividades predeterminadas e iguais a todas as crianças (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2008).

Em contrapartida à concepção de criança desta abordagem italiana, a escola brasileira, muitas vezes, considera as crianças com características semelhantes. Por isso fica “(...) em busca daquelas características, daquelas marcas, daquelas condutas consideradas inerentes aos seres humanos em sua idade inicial.” (DORNELLES; BUJES, 2012, p.19) e acaba por homogeneizar as necessidades das crianças e as situações de aprendizagens. Dornelles e Bujes (2012) retomam a ideia da invenção da infância, quando a criança torna-se mais dependente do adulto, e partem de uma perspectiva pós-moderna que desnaturaliza a atemporalidade da infância e rompe com a concepção de que a criança é passiva, ingênua e incompleta. As autoras entendem a infância como múltipla, em que cada criança é singular dependendo de sua origem, suas características e seu tempo.

Em minhas experiências nas escolas vi as crianças sendo obrigadas a espalhar a tinta de um determinado jeito no papel, impossibilitadas de ir para outros espaços mais tranquilos para realizar sua produção, impedidas de pintar fora da linha do desenho (modelo pronto). De forma pouco significativa, eram obrigadas a refazer os “trabalhos” quando estavam “mal pintados” e, para seguir o cronograma da professora, deviam fazer as atividades que perderam uma atrás da outra para compensar os dias que faltaram. Estes modos de conduzir as aulas de arte revelam que acreditam em uma criança passiva, porque supõe que todas precisam chegar (todas da mesma forma) a um modelo estabelecido e baseiam-se em uma visão

adultocêntrica de ensino, pois a metodologia visa um produto final que agrade à professora e aos pais. Dessa forma, as produções infantis acabam sendo muito semelhantes umas das outras, pois não são incentivadas a realizar a criação autoral, já que seguem modelos pré-estabelecidos.

Esse modo de ensinar arte contraria o que a arte pode proporcionar às crianças, que é a possibilidade de desafiar o imaginário e a criação autoral delas. Em entrevista, Ana Angélica Albano ajuda a pensar sobre o trabalho docente em artes:

(...) em todas as disciplinas do currículo, espera-se que as crianças comecem cada uma em um nível e no final do ano atinjam todas o mesmo patamar de aprendizagem. Em arte, se todas terminarem o ano fazendo trabalhos diferentes, o professor acertou. Se todas tiverem resultados iguais, alguma coisa está errada, porque arte é expressão da diversidade. Autoria significa você se apropriar daquilo que tem a dizer e encontrar sua forma única de dizê-lo. (ALBANO, 2013).

Neste trabalho defendo a ideia de que o imaginário infantil é uma capacidade que a criança apresenta de criar novos mundos (ressignificar o real) e não um déficit que tem por não interpretar o mundo tal como é (SARMENTO, 2003, 2007). Ou seja, quando nós, professoras, acreditamos na possibilidade da criança de transformar a realidade em algo novo a partir de sua imaginação é importante para o seu desenvolvimento e para encontrar sua forma de se expressar através das linguagens passamos a considerá-la como protagonistas de suas aprendizagens.

Partindo dessas ideias sobre como concebemos a criança passo a discorrer sobre o histórico do ensino de artes no Brasil e de que forma as crianças são consideradas no âmbito desta área do conhecimento dependendo do tempo e espaço que vivem.

3.1 UM PANORAMA DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL: O QUE SE CONSERVA?

Quando nos deparamos com atividades em que passar a cola colorida dentro do desenho sem borrar é considerada como atividade de artes, podemos inferir que os objetivos desta atividade não seria a exploração dos materiais, muito menos a expressão da criança, mas sim o adestramento manual. O objetivo dessa atividade

apenas aponta para uma falta que a criança apresenta e visa melhorá-la, muitas vezes com a intenção de prepará-la para a escrita, para o futuro. Outra atividade corriqueira nas escolas é solicitar que as crianças coloquem algodão modelo de coelho no cartão para a páscoa. Nesse caso, a singularidade da criança sai de cena, todos os cartões ficam iguais. São planejados já dessa forma, pois há um produto final pré-determinado pela professora no qual criança precisa chegar para conquistar alguma habilidade definida como importante para aquela faixa etária. Essas práticas relatadas acima carregam consigo resquícios do ensino da arte do início de século XX. As autoras Ferraz e Fusari (1999) e Iavelberg (2003) nos auxiliam a entender as abordagens deste ensino no Brasil.

Na Pedagogia Tradicional, do início do século XX, tinha como objetivo o adestramento manual e preparação para o trabalho, por isso que “[...] encaminhavam os conteúdos através de atividades que seriam fixadas pela repetição e tinham por finalidade exercitar a vista, a mão, a inteligência, a memorização, o gosto e o senso moral.” (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 30). Outra característica que está muito presente no ensino de hoje e tem relação com o ensino tradicional é de utilizar as produções de arte feitas em aula para adornar a escola em datas comemorativas. (IAVELBERG, 2003).

Entendo que por considerar a criança um ser incompleto, esta abordagem não a enxerga como ativa e criadora e pressupõe que o importante é estabelecer, de forma autoritária, uma idealização do adulto a ser incorporada pela criança, negando a oportunidade de ela expressar sua singularidade.

Muitas vezes as escolas carregam diferentes abordagens em suas ações pedagógicas, ora disponibilizam materiais livre de intervenção do professor, ora obrigam as crianças a realizarem suas produções de um determinado jeito considerado “certo”. Nas minhas experiências em escolas, percebi que aquelas atividades que seriam levadas para as casas ou expostas nos corredores, as crianças tinham de fazer de um determinado jeito, atendendo à expectativa dos professores e também dos pais. Por exemplo, durante a confecção de um avental para dar de presente no dia dos pais, as crianças bem pequenas apenas emprestavam as mãos para as professoras usar como carimbos no avental. Os dedinhos marcados com tinta, todos separados e bem visíveis dá a ideia de que é

bonito, bem feito e correto, mas desconsidera a ação da criança. Já nas atividades que não seriam expostas ou entregues aos pais não havia a preocupação com o produto final, apenas de disponibilizar os mesmos materiais, como folhas brancas e giz de cera e deixa-los desenhar livremente.

Esses momentos de livre-expressão, ainda presentes nas escolas de hoje, são vestígios da abordagem espontaneísta que deixou de relacionar a arte com aspectos intelectuais para apenas considerar aspectos afetivos nas produções, tendo como objetivo permitir que a criança se expressasse à sua maneira. (FERRAZ; FUSARI, 1999). Essa tendência vem com força pelo movimento da Escola Nova, que chegou ao Brasil em meados do século XX, opondo-se ao modelo tradicional. Foram abertas as Escolas de Arte do Brasil que priorizava a livre-expressão, o impulso criador e rompia com modelos de arte pre-estabelecidos no ensino de arte até então. Iavelberg (2003, p.114) relembra que as ideias iniciais foram distorcidas com o passar do tempo, pois as práticas tornaram-se muito desorientadas com pouco investimento na experimentação técnica.

A Pedagogia Tecnicista surge na década de 1970 e tem como característica o fato de que tanto o aluno quanto o professor não serem protagonistas nas aulas, pois estava estabelecido um processo de ensino-aprendizagem mecânico (FERRAZ; FUSARI, 1999). Com vista no mercado de trabalho em um sistema capitalista, a escola tinha necessidade de formar mão-de-obra. Schramm (2012) também discorre sobre o que este modelo surgiu em período de muito autoritarismo no Brasil (ditadura militar) e, por conseguinte não havia interesse em formar cidadãos críticos. Portanto, nas aulas de arte não havia fundamentos teóricos e reflexões, porque eram baseadas no saber construir, sendo muito utilizada a sucata considerada como um material “inovador” para a época.

Nos anos 80, Ana Mae Barbosa introduz no Brasil a Metodologia Triangular preocupada em levar o conhecimento da arte para a maioria dos estudantes. Essa proposta pretendia abordar o ensino de arte nas escolas por três dimensões: o fazer artístico, reflexão de obras artísticas e história da arte.

Cunha (2005), em sua tese de doutorado, traz a discussão sobre o quanto essa proposta valorizava obras de artistas famosos no ensino, priorizando as práticas de releitura em detrimento da expressão/criação das crianças. Essa prática

foi muito difundida não somente nas escolas, mas também em outros contextos. A autora faz uma crítica à exposição organizada pelo Maurício de Souza, criador da Turma da Mônica, em que apenas substitui personagens de grandes obras pelos seus. A intenção dele era de que as pessoas entrassem em contato com artistas consagrados, porém

suas releituras carecem de criatividade no sentido de elaborar algo novo, rompendo com o conhecido, o visto o sabido. [...] O que ele nos ensina nesta exposição é que releitura é manter as características das obras originais com pequenos acréscimos. (CUNHA, 2005, p. 119).

Em contrapartida a esse modo de valorizar apenas artistas consagrados e suas produções, as propostas observadas no ateliê infantil rompem com a necessidade de ter modelos a serem alcançados pelas crianças. Nas aulas as professoras reformulam a prática da releitura no sentido de utilizar os artistas para iniciar uma discussão, para ser uma *referência criativa*, que irei explicar na subseção seguinte.

3.2 O DESAFIO NO ENSINO DE ARTE NO AZUL ANIL

A intenção das professoras do Azul Anil é de que as crianças possam ser produtoras de imagens e não somente consumidoras/reprodutoras de forma condicionada das imagens estereotipadas que são veiculadas na mídia, estampadas em roupas e lugares, impressas nas atividades formuladas pelos adultos, etc. Elas buscam o rompimento dos estereótipos imagéticos de forma que as crianças sejam motivadas a utilizar os próprios referenciais reais e imaginários.

Suportes e instrumentos são reinventados e as professoras partem da ideia de que qualquer material pode ser explorado e ser utilizado para as crianças se expressarem. Além dos materiais convencionais, são utilizados também folhas secas, embalagens, dedos, chão, farinha, papelão, etc como materiais expressivos.

A professora Alice explica que é importante desvincular a qualidade da produção das crianças pela aproximação com o real, portanto utilizam estratégias pedagógicas para que desafiem a criatividade e a criação de novos mundos, do surreal (WAPLER, 2012) rompendo com os padrões estéticos, que a escola, a mídia, etc e as crianças acabam se detendo.

Nas aulas é possível notar uma miscigenação de modelos antigos, como aspectos do modelo tradicional e da Escola Nova. Em alguns momentos as crianças se expressam livremente escolhendo seus materiais, as professoras acreditam na importância de a criança poder ter momentos para exercitar sua criatividade explorando os materiais expressivos conforme seu desejo, porém as propostas não se resumem à livre-expressão. Há propostas em que as professoras tem uma intencionalidade, ou seja, são diretivas, assim como na escola tradicional, porém partem de um desafio, algo que promove uma discussão e instiga à curiosidade das crianças e não tem como objetivo estabelecer um produto final ideal. Para elas:

A finalização dos trabalhos artísticos não deve ser a meta principal para sua elaboração, mas sim a pesquisa e o desenvolvimento da criança nas linguagens artísticas utilizadas, o crescimento da sua autonomia e a capacidade inventativa. Por isso, nós do ateliê Azul Anil, acreditamos que os projetos devem carregar consigo os valores e sentidos do universo cultural das crianças, permitindo a vivência com o repertório já existente, com sua ampliação e novas possibilidades de expressão. (CUNHA; WAPLER, 2011, blog Azul Anil Espaço de Arte).

Um dos focos do trabalho pedagógico das professoras são os artistas e suas produções, porém as professoras utilizam artistas e obras não para realizarem releituras relacionadas à cópia. Wapler (2005, p 75) no artigo *Reflexões sobre a prática de releitura de produções visuais contemporâneas na Educação Infantil* cria outra denominação às releituras, que normalmente se transformam em reproduções e impedem as crianças de desafiar seu imaginário. A autora utiliza a expressão *referência criativa* nas propostas que utilizam uma obra, ou mesmo a ideia de um artista para disparar uma discussão com as crianças. Por exemplo, através da maneira como o artista grafiteiro norte-americano Keith Haring se expressava nas ruas, as professoras e os alunos puderam discutir sobre a acessibilidade da arte para depois irem para a calçada explorar os materiais de maneira que todos que passassem pela rua do ateliê pudessem ver aquela intervenção das crianças. Assim, os pedestres puderam ter contato com a produção das crianças, pois não estavam restritas à somente dentro do ateliê. (WAPLER, 2012, CUNHA; WAPLER, 2012, blog Azul Anil Espaço de Arte).

As professoras mobilizam as crianças com outros modos de expressão, como a literatura, música, fotografia, teatro, etc. Elas denominam essa ampliação de repertório através dos múltiplos alfabetismos, valorizando as diversas linguagens da criança, indo além das artes visuais.

Há uma variedade de CDs de diversos músicos para embalar as aulas. Com objetivo de ampliar o repertório musical das crianças e de possivelmente trazer a tona uma discussão, as crianças entram em contato com músicas que não são direcionadas à infância. Escutam Cazuzza, Arnaldo Antunes, The Beatles, Mallu Magalhães, etc que são escolhidas ora pelas professoras, ora pelas alunas. Alice Wapler relata em seu artigo (2012) que puderam discutir sobre a loucura, diferença e preconceito através do trabalho do artista Arthur Bispo do Rosário e também através de canções como *Maluco Beleza*, do Raul Seixas e *Balada do Louco*, do Arnaldo Batista.

As crianças têm oportunidade de ter contato com a criação, exploração de materiais e com a reflexão de alguns aspectos da arte de forma lúdica. Um exemplo disso aconteceu em uma aula sobre auto-retrato. Alice utilizou o livro “Espelho de artista: auto-retrato”, da autora Katia Canton para discutir com as meninas sobre as diversas formas de se fazer um auto-retrato. A partir das obras que o livro traz, desde as mais clássicas até as contemporâneas, as crianças puderam conversar sobre vários aspectos da arte. Logo na primeira página, Maria apontou para duas obras e disse: “esta parece mais foto do que essa outra” e então Camile concluiu



Figura 2 - Camile e seu auto-retrato

“porque este aparece mais as pinceladas”.

Esse diálogo iniciou uma conversa sobre as diferentes pinceladas que cada artista usa e sobre qual sentimento que a obra nos passa através da observação das expressões no auto-retrato. As alunas

apresentaram suas preferências e ainda foram apresentadas aos mais diferentes modos de fazer um auto-retrato, fugindo das maneiras e materiais mais convencionais. Refletiram sobre obras figurativas e também abstratas, observando

que auto-retratos podem ser realizados de forma abstrata, ou utilizando diversos materiais, não somente tinta ou lápis, por exemplo pela xilogravura, fotografia, etc. Após a reflexão sobre esse tipo de produção, as crianças decidiram como fariam seu auto-retrato. Camile (figura 2) fez um desenho de si usando um colar que confeccionou com miçangas, depois de ter sido motivada pela professora a realizar em uma única produção algo que seja bi e tridimensional, assim, ampliando as possibilidades de expressão e exercitando o imaginário através desse desafio.

Penso que a auto-estima das crianças pode ser construída a partir do momento que o educador abre espaço para as formas de criação delas e as valoriza, portanto a prática pedagógica deve dialogar com a concepção de crianças do educador, que tem a necessidade de saber no que a sua ação está contribuindo a elas.

As professoras do Azul Anil Espaço de Arte buscam incentivar as crianças a se expressarem utilizando a sua imaginação através de propostas que desafiem o imaginário delas. Porém, isso acontece porque acreditam em uma criança ativa, que não deve receber apenas modelos prontos de atividades para apenas reproduzi-lo. A ideia de Mallaguzzi (2008), idealizador da abordagem de educação em Reggio Emilia, nos incentiva a entender a criança ativa quando afirma que “uma vez que as crianças sejam ajudadas a perceber em si mesmas como autoras ou inventoras, uma vez que sejam ajudadas a descobrir o prazer da investigação, sua motivação e interesse explodem.” (MALLAGUZZI, 2008, p. 76).

4 A PESQUISA EM CAMPO NO ATELIÊ

O Azul Anil Espaço de Arte, onde realizei a pesquisa, foi inaugurado em março de 2011 pelas professoras Alice e Maria Eduarda, ambas em processo de formação no curso de Artes Visuais pela UFRGS. Primeiramente o ateliê ficava na Zona Norte de Porto Alegre e depois foi transferido para uma casa na região central da cidade e surge com o propósito de ser:

Um ateliê infantil que inclui outras áreas artísticas que dialogam com as artes visuais, como música, teatro, dança, produção audiovisual e literatura, além de propostas multidisciplinares ministradas pelas professoras e também por profissionais de outras áreas do conhecimento. O contato com variadas linguagens artísticas possibilita às crianças o exercício criativo e surgimento de um novo olhar sobre o mundo. (CUNHA; WAPLER, 2012, blog Azul Anil Espaço de Arte).

Atualmente o ateliê oferece cursos regulares de arte para crianças entre quatro e dez anos nas segundas-feiras, oficinas específicas mensais (como musicalização para bebês, estêncil, etc), oficinas de aniversário de crianças e também há o projeto lúdico de férias, em que os pais matriculam os filhos para frequentarem durante algumas semanas nas férias de inverno e verão.

Realizei minha pesquisa no curso regular que acontece nas segundas-feiras pela manhã, das 8h às 12h. Nos primeiros encontros as aulas eram mediadas pela professora Alice Wapler e quatro alunas estavam matriculadas: Camile (7 anos), Maria (6 anos), Marina (8 anos) e Valentina (9 anos), todas frequentam escolas particulares de Porto Alegre no turno da tarde. Nos últimos encontros Alice foi substituída pela outra professora do ateliê, Maria Eduarda Rangel Vieira da Cunha e outras crianças passaram a frequentar.

Para entrar naquele contexto, observar e registrar os encontros precisei da autorização dos envolvidos na pesquisa através de termos de consentimento informado que foram entregues às professoras (Apêndice 1), pais (A2) e crianças (A3).

Neste trabalho realizei um estudo de caso com as duas de professoras e quatro crianças do ateliê através de observação participante. Demartini (2009) apresenta que há um número grande de pesquisas sobre a infância sendo realizadas, porém as pesquisas com as crianças e seus relatos ainda são pouco produzidas. Na minha pesquisa, busquei acompanhá-las e ouvi-las, tentava ficar o

mais próxima possível nas situações da aula. Sentava-me à mesa ou no chão perto das alunas quando as crianças estavam desenvolvendo seu trabalho. Algumas vezes as meninas pediam a minha ajuda para resolver algum tipo de problema e até pediam para que eu participasse das propostas com elas nos últimos encontros.

A minha intenção inicial foi de realizar uma entrevista/conversa com as crianças nos últimos dias de observação. Já havia conversado bastante com as elas ao longo das semanas, porém tinha interesse em formalizar nossas conversas utilizando um gravador. Durante as observações anteriores haviam as mais falantes e as menos, porém quando apresentei o gravador todas elas foram resistentes. Eu e a professora Alice testamos nossas vozes e escutamos depois com o objetivo de motivá-las a testarem as delas também. Nesse momento, as meninas colocavam as mãos por cima de suas bocas e davam risada, se recusando a falar. Portanto, resolvemos deixar de lado a formalidade e tivemos uma conversa informal em que anotava aquilo que considerei mais interessante, com a permissão delas, em meu diário de campo.

5 AS PROPOSTAS QUE DESAFIAM O IMAGINÁRIO INFANTIL

As propostas de ensino das professoras do Azul Anil partem de uma concepção de arte contemporânea – que pode ser percebida pela observação do espaço: uso de materiais do nosso cotidiano para criação e, principalmente, questionar nossas certezas sobre o belo, o certo - e de ensino de arte em que o professor pode, e é o papel dele, fazer interferências educativas que resultam positivamente no processo criativo (FERRAZ; FUSARI, 1999).

Nos momentos iniciais dos encontros, as professoras disponibilizam materiais para as crianças poderem criar e explorar: lápis de cor, lápis aquarelado, giz de cera, giz pastel seco, giz pastel oleoso, tintas, pinceis, papéis, sucata, tesoura... São inúmeras possibilidades, porém as professoras ficam atentas às formas de uso e ao desperdício de materiais. Iavelberg (2003) também traz a importância dessas combinações com os alunos e nos lembra que “cuidar de nossos instrumentos de trabalho e não desperdiçar material é cuidar de nós mesmos e de nossos colegas, pois garantimos a possibilidade de fazer arte nessa oficina de uso coletivo.” (IAVELBERG, 2003, p.13).

Além de ter como propósito o exercício da criatividade, elas pedem para as crianças utilizarem o máximo que conseguirem da folha e explicam que além de evitar o gasto em excesso de materiais aquele desenho pode ser mais bem explorado. O cuidado com os materiais surge no momento de limpeza e uso dos materiais, por exemplo: não deixar tinta molhada na mesa para não sujar de tinta a produção de outra pessoa, lavar e colocar numa posição ideal os pincéis depois de utilizar, usar o lápis aquarelado de forma que não molhe a madeira do lápis para não estraga-la, colocar nos potes corretos os materiais, etc. Esses combinados são lembrados pelas professoras durante a aula, conforme a necessidade e não de forma que deixe as crianças desestimuladas a usar os materiais.

Os suportes sugeridos para o desenho e pintura também são pensados para uma reutilização de materiais e a fim de que explorem outros formatos de superfície, assim podendo interferir na própria criação da aluna. Na segunda aula que observei, a professora Alice propôs: “vamos reaproveitar outras sucatas, transformar tridimensional em bidimensional e aproveitar as formas que fica.”. Essa proposta traz consigo muitas possíveis aprendizagens para as crianças. Ela proporcionou uma

conversa sobre o que é bidimensional e tridimensional e chegaram a conclusão de que normalmente quando usam sucata, a utilizam de forma tridimensional, mas que é possível transformá-la em bidimensional, assim como o papel. As meninas disseram que as embalagens (remédio, perfume) em forma bidimensional tinha o espaço muito pequeno, então Alice sugeriu que ou colassem uma na outra para aumentar o tamanho ou que pegassem caixas maiores, como as de pizza.

Então, as alunas criam seus personagens e cenários, testam os efeitos que os diversos materiais podem ter e solucionam possíveis problemas, como desenhar sem apagar o que não gostou e concertar os rasgos no papel.

5.1 AS CONTRAPROPOSTAS E REAÇÕES DAS CRIANÇAS

O uso de materiais presentes em nosso cotidiano, o reaproveitamento de materiais, o tensionamento entre o belo e o feio, a busca pelo rompimento de imagens estereotipadas, o cenário do ateliê, a referência que trazem das propostas inovadoras dos artistas contemporâneos, a flexibilidade com o uso do tempo, do espaço e das propostas possibilitou a perceber durante a pesquisa que as professoras do Azul Anil utilizam elementos muito próprios e ressoantes com o que se concebe por arte contemporânea em suas propostas. Além disso, procuram questionar o ensino de arte que vigora nas escolas regulares. A atenção se volta então fundamentalmente ao processo e não ao resultado final. Em entrevista, Lima (2013) ajuda a entender como a tendência da arte contemporânea se dá no ensino de arte:

É preciso planejar cuidadosamente a aula, cuidar da formulação de desafios que podem ser propostos tanto pela escolha de materiais disponibilizados quanto pela arrumação do espaço ou por uma questão sem, contudo, fechar as respostas num resultado ou objeto pré-determinado. Quando o professor trabalha a arte contemporânea na sala de aula, ele tem que estar preparado para o imponderável, para as respostas inesperadas dos alunos. [...] Ao vivenciar a experiência de ser o autor de imagens e objetos, o aluno estabelece relações a partir do repertório dele, tanto nas suas pesquisas pessoais quanto para enfrentar desafios propostos pelo professor. É assim que ele passa por experiências artísticas. (LIMA, 2013, p. 6).

Esta fala de Lima me faz retomar à aula sobre auto-retrato. Quando Alice propôs que cada uma criasse o seu próprio, cada aluna se mobilizou para realizar

algo diferente. Marina procurou as sucatas, Camile preferiu o desenho e as miçangas e Maria somente as miçangas.

Ao longo das observações percebi que Maria diversas vezes não aceitava realizar as propostas tal como eram sugeridas pelas professoras. O que mais gostava de fazer era de confeccionar colares de miçangas e quando disse à professora que preferia fazer um para ela em vez de criar um auto-retrato utilizando



Figura 3 - Maria e seu colar de miçangas

desenho, Alice aceitou a contraproposta e contou-me que por Maria ser mais resistente ficou feliz por ela ter se interessado pelo material. Quando ficou pronto o seu colar, ela se olhou muito no espelho. Fotografamo-la (Figura 2) e sua produção e relembramos o livro de Kátia Canton, que apresenta uma artista que usou a fotografia para realizar seu auto-retrato.

No Azul Anil, as crianças podem utilizar os materiais de outras formas, que normalmente não são pensadas, e por isso envolve desafio, logo criatividade. As professoras do ateliê trazem consigo a necessidade de lidar com o imprevisto e a intenção delas em suas aulas é de “valorizar os processos criativos nas expressões artísticas, deixando a técnica em segundo plano, como algo que não deva ser necessariamente aprendido para que possa, posteriormente, executar alguma coisa.” (CUNHA; WAPLER, 2011, blog Azul Anil Espaço de Arte).

A ressignificação dos materiais é presente nas aulas do ateliê. Em outra proposta, quando a professora Maria Eduarda disse que iriam fazer massa de modelar caseira, todos acharam que iriam modelar tridimensionalmente. No primeiro momento, houve uma reflexão sobre a receita, sobre quais cores podiam ser encontradas a partir dos pigmentos que havia ali. Cada criança preparou a massa com uma cor e depois dividiram entre si para cada um ter um pouco de todas as cores. A proposta era que eles desenhassem com a massa. Maria Eduarda explicou a diferença entre tridimensional e bidimensional aos que não sabiam e entregou suportes de papelão para que eles “desenhassem” em cima dessa base.

O desenho utilizando massa caseira desestabilizou alguns e a professora teve que explicar outra vez como funciona, Camile cheia de dúvidas perguntou “o que vamos desenhar?”. Maria Eduarda acalma ou desafia ainda mais dizendo que ela poderia decidir. Algumas criações:



Figura 4 - Marina e sua flor



Figura 5 - A família de Pedro

O jogo dos híbridos é uma prática frequente no ateliê. No blog Azul Anil Espaço de Arte, as professoras Alice e Maria Eduarda explicam no que ele consiste. É um jogo composto por uma tabela com um número de 1 a 6. Em cima de cada número fica um objeto, ou miniatura de um animal, que as crianças organizam no momento do jogo. Depois jogam um dado duas vezes e com esses dois objetos que a sorte “escolheu” a criança deve criar um desenho misturando-os, formando uma só imagem. No jogo, a criança precisa solucionar um problema usando sua imaginação e criatividade, pois é necessário criar um terceiro elemento que não existe no mundo real e seu contexto, além de criar o cenário onde aquele elemento vive ou está.

Durante o meu período de observação, presenciei um desdobramento do jogo dos híbridos. Ao final de uma aula as alunas foram convidadas a fazer recortes de objetos e parte de corpo de pessoas ou animais. Quando elas conseguiram juntar bastantes figuras elas colocavam dentro de um envelope em quantidades diferentes.

Depois anotavam na parte de fora a quantidade de recortes que tinha dentro de cada um. Na semana seguinte elas começaram o jogo. Jogavam o dado e pegavam um envelope com o número de figuras que havia saído no dado. Com aquela quantidade de figuras tinham que realizar uma colagem, formando uma única só imagem. Quando todas pegaram seus envelopes, Camile logo criou seu novo elemento até então inexistente e apressou sua colega dizendo “tu ainda não pensou? É muito fácil!”. A professora Alice então pediu para que ela ajudasse sua



Figura 1 - Criando o inusitado

amiga. Quando ela se deparou com as figuras: boné, brócolis, pés com sapato e tênis, Camile disse: “bá! Que difícil!”. Todas riram e ela voltou para sua produção.

A proposta era de colar as figuras, mas Camile criou uma nova forma de realiza-la e fez a montagem dos objetos através de um desenho. Alice disse que nunca tinha pensado em fazer com desenho, mas era uma ótima ideia. Então Camile fez seu desenho e depois sua colagem. Gostou tanto da proposta que criou diversos elementos inusitados e deu nome a alguns, como o “cachopete” (cachorro com rabo de peixe) e “rainha do morango”. O jogo despertou tanto interesse que Alice propôs à Camile que colasse outra folha branca para dar continuidade às colagens.

O objetivo desse jogo me remeteu à Silvia Pillotto, quando discute sobre aprendizagem da arte na escola e afirma que é um direito das crianças ter contato com essa linguagem “(...) pois o homem, como ser pensante, necessita de criar outras verdades, outros mundos, reais e imagéticos, que só a arte na sua essência pode propiciar.” (PILLOTTO, 2001, p.14). Ele desafia as crianças a criarem algo que não está idealizado pelo adulto, pois não existe. À criança é dado a autonomia, o desafio e responsabilidade de inventar aquilo que não existe, logo não há o “bonito” e o certo definido pelo adulto.

6 AQUI PODE ESCOLHER O QUE PODE FAZER, IMAGINAÇÃO...

O título acima é fala de uma das alunas do ateliê Azul Anil. Quando perguntei a ela como eram suas aulas de arte na escola que frequenta, Camile mostrou descontentamento, disse que na escola que estuda “é sempre a mesma arte” e relata que no Azul Anil é “mais ou menos diferente, porque a gente não copia as coisas, aqui pode escolher o que pode fazer, imaginação...”.

Algumas vezes os desafios propostos pelas professoras deixam as crianças em dúvida de como iniciar a criação. Assim como relatei sobre a proposta do desenho bidimensional com massa de modelar. Muitas vezes é preciso deixar claro para a criança que ela pode criar, que é permitido que ela realize aquela produção da maneira como quiser, como no momento em que Camile fica cheia de dúvidas para começar a criar. Penso que isso se dá pelo fato de que o ensino de arte de muitas escolas acabam propondo poucos desafios. As crianças acabam não precisando utilizar seu imaginário porque ficam restritas a seguir modelos prontos, em que já sabem qual o produto final que o adulto está esperando. Segundo Cunha:

Desde muito cedo, as crianças aprendem que seu limite para imaginar está confinado a retângulos e recortes do mundo feitos pelos adultos. Aprendem que precisam de modelos para seguirem as linhas predeterminadas de suas vidas. Aprendem a serem silenciosos e subservientes ao amassarem as bolinhas de papel crepom. Aprendem a ser consumidores e não produtores de imagens ao colorirem modelos mimeografados pelos educadores. Aprendem a não ser sujeitos que sentem, pensam e transformam. (CUNHA, 2011, p 13).

No Azul Anil, Alice e Maria Eduarda buscam exatamente o contrário disso. A produção valorizada é a que se percebe autoria da criança exercitando seu imaginário ao trazer algo inusitado, algo imprevisível durante a realização da proposta.

Marina também comentou com insatisfação sobre suas aulas no colégio. Pegou em sua mochila um desenho que ela fez em uma superfície de giz. Era um vaso de flores, com girassóis. Contou-me que é o segundo ano seguido que eles estudam sobre Van Vogh e que a professora pede para que desenhem parecido com a obra dele.

A fala das meninas ajudou-me a ter mais certeza de que as possibilidades, que são inúmeras, do ensino da arte na escola regular acabam limitando-se a

propostas repetitivas e ultrapassadas, em que o imaginário infantil não é desafiado Cunha (2001) quando apresenta resultados de suas pesquisas sobre o ensino da arte também aponta que:

[...] as abordagens do ensino da arte não possibilitavam outros olhares sobre uma área do conhecimento que trabalha basicamente com a transformação, com a incerteza de modelos, com a investigação matéria e de linguagem, com a abertura do inusitado. (CUNHA, 2001, p. 3).

As alunas já trazem um conhecimento sobre os artistas bastante enfatizados nas escolas e no ateliê há imagens de obras dos artistas consagrados, em nenhum momento é negado o conhecimento deles, porém as professoras optam em suas práticas por utilizar artistas contemporâneos que possivelmente ainda não chegaram às escolas. Cunha (2010) explica que isso acontece porque a Arte Contemporânea procura desestabilizar, é difícil de ser aprendida e ensinada e ela nos atravessa com sentimentos como, por exemplo, de nojo e afastamento.

Além de a escola priorizar determinados artistas, o imaginário infantil já é muito influenciado pela Cultura Visual que cercam as crianças. A mídia consegue determinar o que é certo e bonito e nesse sentido as crianças reproduzem essas “verdades”. Portanto, o ateliê Azul Anil se apropria de outras formas de ver o mundo, utilizando artistas como Arthur Bispo do Rosário, Keith Hering, Beatriz Milhazes e Regina Silveira para provocar discussão com as crianças.

Muito longe de utilizá-los para as crianças realizarem releituras/copias das obras, o artista escolhido em uma determinada proposta é apresentado às crianças para ser uma *referência criativa* (denominação utilizada pela professora Alice), possibilitando um momento de conversa sobre a ideia dele. Dessa forma, podem questionar as “verdades”, o belo, o certo e despertar a curiosidade das crianças sobre a forma como esses artistas pensam e produzem.

Além de utilizarem artistas plásticos para uma conversa disparadora, as professoras utilizam outras linguagens, como a literatura infantil. O livro “Sombra” da autora Suzy Lee foi apresentado pela professora Maria Eduarda no canto da leitura ao final de uma manhã. A professora disse que é um livro diferente por ter somente figuras. Propôs que enquanto passasse as páginas, as crianças apenas pensassem naquilo que estavam vendo, porém aquela história causou muitos questionamentos

e cobraram da professora que explicasse o que queria dizer a história e Maria Eduarda procurava acalmar as dúvidas: “não tem nada escrito Camile, eu também não sei, cada um tem sua interpretação. Olhem bem! Depois a gente conversa.”. Marina disse que “é legal porque é diferente dos outros livros, parece que ela tá imaginando”.

A história é de uma menina que entra em um depósito cheio de objetos e lá cria outro mundo durante a brincadeira, utilizando sua imaginação para transformar os objetos dali em outros, por exemplo, em um jacaré. Esse livro trabalha com as sombras desse cenário na ilustração. Em um lado da página há a menina nesse depósito com as coisas reais e na outra página há as sombras disso tudo, porém o real e a fantasia misturam-se e o lado da sombra passa a ser a imaginação/brincadeira da menina.

O uso desse livro foi o ponto de partida para o trabalho com sombras. A professora ainda apresentou um material da exposição Luz e Sombra, que aconteceu no Iberê Camargo, e de outras obras da artista Regina Silveira. As imagens das obras causaram espanto. Quando eles viram uma obra feita com adesivos de insetos gigantes espalhados por uma sala, “que feio!” uma comentou e Maria Eduarda retrucou “às vezes a arte causa coisas que não são bonitas, quer fazer a gente pensar.”.

6.1 OS MÚLTIPLOS ALFABETISMOS

As professoras do ateliê têm como objetivo ampliar os modos de expressão das crianças, isso acontece indo além do desenvolvimento da expressão pelas artes visuais. Portanto, a partir do que chamam de múltiplos alfabetismos, as crianças tem oportunidade experimentar a dança, as artes cênicas, a literatura, o contato com um variado repertório musical, etc.

Na semana seguinte da leitura de “Sombras”, Maria Eduarda perguntou se eles se lembravam das obras utilizando sombra da Regina Silveira e do livro que discutiram na aula anterior para então propor que eles fizessem um teatro de sombras. Foi um grande desafio entender que os detalhes que nos apegamos ao fazer um desenho pouco importam quando o objetivo é fazer um teatro de sombra,

em que somente o formato daquele corpo ou objeto é necessário. Além da confecção dos fantoches. Maria Eduarda entregou a eles um pedaço de papel pardo para elaborarem um cenário/contexto onde aquelas personagens, anteriormente feitos por eles, estariam. As crianças, utilizando um mesmo suporte, conseguiram se



Figura 7 - Cena do teatro de sombras "O Ataque"

organizar e criar o cenário com a participação de todos. Como uma das crianças havia feito uma múmia, Valentina sugeriu que a história se passasse no Egito. Pirâmides, sol, muita areia, balões e casinhas foram desenhados. Eles pensaram na história, ensaiaram e depois Maria Eduarda

combinou que iria filmá-los para depois assistirem a produção deles. Contaram a história "O ataque" (título criado também por eles) de uma múmia e um monstro que atacavam as pessoas que passavam por eles.

O livro "Ah se a gente não precisasse dormir" traz uma série de obras do artista Keith Haring e comentários de crianças sobre as produções do artista. Alice propôs um ditado visual para as meninas. Escolheu uma das obras e explicou que enquanto ela dissesse as características daquele desenho do Keith Haring cada uma das alunas iria desenhando com seus materiais. Maria não quis realizar a proposta e começou a se afastar. Alice perguntou por que ela não queria, mas Maria não explicou muito. Quando a convidou para ajudá-la a ditar para as colegas, Maria se animou e passou a participar da proposta, mas com outra "função". Ao final, Marina e Camile compararam suas produções entre si e com a do próprio artista a partir do ditado que Alice e Maria fizeram. Alice chamou a atenção das diferenças de cada desenho: "Mesmo recebendo as mesmas informações, cada uma fez de um jeito diferente.". Em um segundo momento, Camile quis fazer mais um desenho a

partir do ditado visual, enquanto Marina juntou-se à Maria para escolher uma obra para que pudessem passar as informações. Compararam juntas as semelhanças e diferenças se divertindo muito.

7 ÚLTIMAS PINCELADAS

A intenção do trabalho foi despertar em nós, professoras e professores de crianças, a possibilidade de problematizar de que forma o ensino de arte está sendo realizado e de que maneira ele pode ser mais significativo aos nossos alunos. Ao se tratar de arte, algumas de suas finalidades são incentivar a criação autoral através do imaginário das crianças e incentivar a criação do que ainda não existe, de um novo mundo. Não se pode confundir com outras finalidades como, por exemplo, desenvolvimento de uma habilidade, como a motricidade fina.

Através das linguagens expressivas é possível trazer a singularidade, algo de seu próprio mundo para o mundo real para quem a experimenta e exercita. E ao pensa-la como disciplina escolar, talvez esteja nela o maior potencial de o aluno trazer as suas inquietações, a sua expressão se conectando com o seu processo imaginativo.

Antes de pensar em arte é preciso pensar em que tipo de criança nós acreditamos, por isso inicio minhas reflexões neste trabalho a partir de concepções de infância. Com o ateliê Azul Anil Espaço de Arte é possível repensar em nossas práticas que envolvem as artes. Assim como as professoras Alice e Maria Eduarda buscam autores que problematizam a infância para pensar em suas práticas, penso que elas podem também contribuir para pensar a nossa ação pedagógica dentro da escola regular.

A possibilidade de as licenciaturas (Artes Visuais e Pedagogia) conversarem durante o período de graduação das professoras é uma boa forma enriquecer a prática. Todas as minhas inquietações para com este ensino vieram à tona quando tive a oportunidade de conhecer novas maneiras de abordá-lo. Acredito na importância de professoras já graduadas procurarem formação continuada para que a ação pedagógica não fique restrita a práticas antigas em que muitas vezes a docente se acomoda.

Quando entregamos aos nossos alunos um papel com o contorno de um desenho e pedimos para que eles pintem dentro das linhas, o quanto da singularidade do aluno está sendo levada em conta? Ou quando apenas entregamos os mesmos materiais sem alguma intervenção para realizar as atividades de artes,

que desafios traz à criança? Que tipo de criança é essa que está sendo pensada nesses exemplos? No primeiro caso, certamente não se considera uma criança com potencialidade criadora, não se valoriza a sua imaginação. Já no segundo caso acredita-se que a capacidade criadora das crianças é inesgotável e por isso alimenta-se sozinha, sem a necessidade de o professor ampliar as possibilidades de exploração, seus repertórios visuais, o que é uma farsa, pois a criança precisa de um educador que a faça experimentar além daquilo que já sabe, para não deixá-la estagnada (CUNHA, 2011).

Após o período de observação no ateliê percebi alguns elementos que buscam exercitar o imaginário infantil de forma desafiadora são recorrentes nas aulas:

- As propostas das professoras sempre partem de um material provocador ou de um desafio, por exemplo, através da literatura (“Espelho de artista”, “Ah se a gente não precisasse dormir”), trazendo artistas contemporâneos para discutirem; ou experimentando a criação de imagens nunca vistas com figuras de revistas, reinvenção da prática de desenho com massa de modelar...
- As propostas são variadas, com objetivo de contemplar os múltiplos alfabetismos, diversas formas de expressão (desenho, modelagem, pintura, colagem, teatro...) fazem parte da prática pedagógica. Não há uma atividade maçante, que todas as crianças devem necessariamente exercitar.
- As propostas consideram as crianças protagonistas de seu aprendizado, as sugestões delas são aceitas pelas professoras e lidam com a possibilidade de as alunas realizarem propostas em tempos e espaços diferentes.
- As propostas buscam ressignificar o uso de materiais e práticas consagradas, por exemplo: utilizam as sucatas bidimensionalmente (achatando-a), massa de modelar para fazer um desenho, colagem para criar algo que não existe.
- Não há idealização, um modelo pré-estabelecido, logo não há um resultado a ser alcançado nas produções das crianças e rompem com o belo e certo.

Essas características do ensino de arte no Azul Anil são possíveis de serem pensadas dentro do contexto da escola regular, porém para que isso aconteça é necessário um desejo pela mudança, por romper com padrões e por considerar a criança singular e ativa no processo da construção da aprendizagem.

8 REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. **Arte para o desenvolvimento integral**. Revista Pátio, 2013. Disponível em: <http://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/9597/arte-para-o-desenvolvimento-integral.aspx>. Acesso em 13 nov. 2013.

CUNHA, Maria Eduarda Rangel Vieira da.; WAPLER, Alice Seibel. **A prática da arte na educação e no ateliê Azul Anil**. 2011. Disponível em: <http://azulanilespacodearte.blogspot.com.br/2011/03/desenvolvimento-do-trabalho-artistico.html>. Acesso em 8 out. 2013.

_____. **Keith Haring no Azul Anil**. 2012. Disponível em: <http://azulanilespacodearte.blogspot.com.br/2012/04/keith-haring-no-azul-anil.html>. Acesso em 7 dez. 2013.

_____. **O Azul Anil é...** 2012. Disponível em: http://azulanilespacodearte.blogspot.com.br/2012_02_01_archive.html. Acesso em 7 dez. 2013.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. A importância das artes na infância. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org). **As artes no universo infantil**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

_____. Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil na educação infantil. In: Susana Rangel Vieira da Cunha. (Org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. 5ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

_____. Questionamentos de uma professora de arte sobre o ensino de arte na contemporaneidade. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO Irene (orgs). **Culturas da Imagem: Desafios para a arte e a educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2010.

_____. **Educação e Cultura Visual: Uma Trama Entre Imagens e Infâncias**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

_____. Transformações nos saberes sobre arte e seu ensino: entendendo o ensino de artes. **Projeto Revista de Educação**, n. 5, p. 2-8, jul./dez. 2001.

_____. **Como Vai a Arte na Educação Infantil?** Disponível em: <www.culturainfancia.com.br/portal/index.hp?option=com_content&view=article&catid=52:arteeducacao&id=503:como-vai-a-arte-na-educacao-infantil&Itemid=110>.

Acesso em 15 out. 2013.

EDWARDS, C., GANDINI, L., FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte.** São Paulo: Editora Cortez, 1999.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte:** sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LIMA, Marcia Cirne. Transposição didática e arte contemporânea: desafios e soluções. **Boletim Arte na Escola** (revista eletrônica), n.63, p. 6-7, abr. 2013.

MALLAGUZZI, Lóris. Histórias, ideias e filosofias básicas. In: EDWARDS, C., GANDINI, L., FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte:** a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Epistemologia no ensino-aprendizagem da arte: uma questão de reflexão. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SCHARAMM, Marilene de Lima Korting (orgs). **Reflexões sobre o ensino das artes.** Joinville: Editora Univille, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância.** Cadernos de Educação (Pelotas), v.12, n.21, jul./dez., 2003.

_____. Culturas Infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, Leni Vieira. **Produzindo pedagogias interculturais na infância.** Petrópolis: Vozes, 2007.

SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. **As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem da arte.** 2012. Disponível em: <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69329&>. Acesso em 13 dez. 2013.

WAPLER, Alice Seibel. Reflexões sobre a prática da releitura de produções visuais contemporâneas na educação infantil. In: **As imbricações da cultura contemporânea à popular.** Congresso internacional em artes, novas tecnologias e comunicação. Inhotim: out. 2012. P. 74-85.

9 APÊNDICES

9.1 APÊNDICE 1 – Termo de consentimento das professoras



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, Bruna de Sales Paula Terron, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizo uma pesquisa no ateliê de arte Azul Anil. No meu trabalho busco saber como as crianças reagem às propostas de artes em um espaço fora da escola regular, mas que investe em intervenções pedagógicas para desenvolver a expressão/linguagem artística das crianças.

Pretendo observar as aulas no ateliê, analisar as falas e produções infantis, realizar entrevistas semi-estruturadas com as professoras e crianças e analisar as reações das crianças para com as propostas elaboradas pelas professoras. Para a coleta de dados utilizarei fotografias do espaço, das produções e do grupo e gravações das entrevistas realizadas. Essa pesquisa será orientada pela professora doutora Susana Rangel Vieira da Cunha e faz parte do meu trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da UFRGS a realizar-se no ano de 2013.

Sobre os Cuidados éticos:

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente observações com as crianças, assim como a informar devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter.

Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão protegidos sempre que os participantes optarem por sigilo ético, não sendo mencionados seus nomes em nenhuma apresentação oral, ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.

Às crianças será entregue “Termos de Consentimento Informado para a Criança”, no qual explico sobre minha pesquisa e o que será utilizado para ela ser realizada.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

Eu _____, R.G. sob
nº _____ aceito participar desta pesquisa.

Assinatura

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura Prof^aDr^a Susana Rangel Vieira da Cunha

_____, _____ de _____ de _____.

Sendo assim, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento através do telefone (51) 82008558 ou pelo e-mail: bruna.terror@hotmail.com.

Obrigada,

Bruna de Sales Paula Terron

9.2 APÊNDICE 2 – Termo de consentimento dos pais



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, Bruna de Sales Paula Terron, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizo uma pesquisa no ateliê de arte Azul Anil. No meu trabalho busco saber como as crianças reagem às propostas de artes em um espaço fora da escola regular, mas que investe em intervenções pedagógicas para desenvolver a expressão/linguagem artística das crianças.

Pretendo observar as aulas no ateliê, analisar as falas e produções infantis, realizar entrevistas semi-estruturadas com as professoras e crianças e analisar as reações das crianças para com as propostas elaboradas pelas professoras. Para a coleta de dados utilizarei fotografias do espaço, das produções e do grupo e gravações das entrevistas realizadas. Essa pesquisa será orientada pela professora doutora Susana Rangel Vieira da Cunha e faz parte do meu trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da UFRGS a realizar-se no ano de 2013.

Sobre os Cuidados éticos:

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente observações com as crianças, assim como a informar devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter.

Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão protegidos sempre que os participantes optarem por sigilo ético, não sendo mencionados seus nomes em nenhuma apresentação oral, ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.

Às crianças será entregue “Termos de Consentimento Informado para a Criança”, no qual explico sobre minha pesquisa e o que será utilizado para ela ser realizada.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

Eu _____, R.G. sob
 nº _____ autorizo meu filho (a)

a participar da pesquisa.

Assinatura

Assinatura da Pesquisadora

_____, ____ de _____ de _____.

Sendo assim, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento através do telefone (51) 82008558 ou pelo e-mail: bruna.terron@hotmail.com.

Obrigada,

Bruna de Sales Paula Terron

9.3 APÊNDICE 3 – Termo de consentimento para as crianças

Termo de Consentimento Informado para a Criança

Queridas crianças,

Eu, Bruna de Sales Paula Terron, estou fazendo uma pesquisa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para eu poder finalizar o curso de Pedagogia e me tornar professora. Para fazer este trabalho escolhi essa turma dessa escola de artes para pesquisar. Gostaria de acompanhar algumas aulas e fazer uma entrevista com vocês sobre as aulas nesse espaço e o que vocês aprendem aqui.

Esta folha representa um documento importante desta pesquisa, pois aqui fica registrado se vocês querem, ou não, participar deste trabalho.

Com a autorização de vocês, poderei usar algumas fotos dos nossos encontros e de suas produções, poderei também utilizar as coisas que vocês falam durante as aulas e durante as entrevistas para poder escrever meu trabalho.

Sendo assim, eu _____
aceito participar do trabalho da pesquisadora Bruna de Sales Paula Terron.

Ass. da pesquisadora

Porto Alegre, ____ de _____ de 2013.

Coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento através dos telefones (51) 82008558 ou pelo e-mail bruna.terron@hotmail.com.

Obrigada,

Bruna de Sales Paula Terron